

### AS FORÇAS DE REPRESSÃO

Nas secções anteriores desta antologia tratou-se dos aspectos quer económicos quer ideológicos da opressão colonial. Mas, levanta-se a questão de saber como o Estado colonial --quer dizer um grupo relativamente pequeno em relação à população colonizada-- pode impor a sua vontade. Já vimos como o Estado colonial utilizou a Igreja Católica para fazer aceitar ao Povo colonizado a sua própria opressão. Mas como tomar conta daqueles que não aceitaram?

Veremos os mecanismos violentos e brutais que o Estado colonial utilizou para quebrar o espírito de independência e resistência naqueles que ousaram desafiar o poder colonial português. Estes métodos incluíram torturas, massacres de povoações inteiras, violações de mulheres e meninas e todos os tipos de terrorismo. Para alcançar esses objectivos, o Estado colonial criou grupos especiais no exército, direcções especiais na polícia, e recorreu aos conhecimentos dos assim chamados "altos peritos" sobre os usos e costumes do Povo mocambicano.

Mas estas formas de opressão que caracterizaram a última fase do colonialismo português, e não só em Mocimboa do Ocidente, não surgiram de repente. Nas passagens a seguir poderemos ver os primeiros sinais desta reacção violenta contra largas massas em si. Em 16 de Junho de 1960 em Mueda, por exemplo, bastava ser Mocimboense para ser alvo das metralhadoras portuguesas.

1

### #TRANSFORMAÇÕES DAS CONTRADIÇÕES ENTRE O POVO MOCIMBOENSE E OS ESTADOS COLONIAIS

O crescimento dos movimentos nacionalistas em toda a África, nos anos 1960, forçou os colonialistas portugueses a conhecer e a estudar melhor a situação nas suas colónias. É nessa perspectiva que se organizou, por exemplo, o reconhecimento do Rio Rovuma por um destacamento militar do Regimento da Infantaria de Nampula. O que segue é o fim da primeira parte do relatório:

População autóctone - O contacto que a população indígena junto ao Rovuma tem tido com Europeus, e tão diminua, que não admira o estado de desconhecimento em que se encontram. Para eles era desconhecido o dinheiro português e não tinham noção alguma da ideia da Pátria, da Bandeira portuguesa, ou da nossa forma de Governo, ao qual tratava por King. Palavras como Administrador, Regulo, etc., também eram do seu desconhecimento. SEMPRE POSSÍVEL PROCUROU-SE EMPEQUENAS PALESTRAS DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA, APRESENTAR-LHES A BANDEIRA PORTUGUESA E DIVULGAR ALGUNS CONHECIMENTOS SOBRE PORTUGAL E O SEU GOVERNO.

Não se pode falar de Mueda sem emoção. Terra de sacrifício, de coragem, de determinação e audácia. Marco evidente que define uma força e um querer. Espelho vivo da alma lusa.

Mueda surge aos nossos olhos de visitante como um símbolo de presença constante, de sacrifício abnegado e de baluarte irredutível.

Milhares de portugueses a conhecem já e muitos outros a háo-de conhecer. Em todos ela marcou ao vivo o traço de grandeza. Com todos tem vivido momentos cruciais e momentos de vitória.

Baluarte avançado de uma guerra traicoeira, tem com ela valor dos homens generosos de todos as raças e credos. Altaneira nos seus oitocentos e quarenta metros de altitude, é garbosa e firme. Só tem medo os que a não conhecem. Os que

14

preferem a vida fácil.

Mueda não é mito, é certeza. Rodeada pelo inimigo traicoeiro, orgulha-se na bandeira das quinas flutuando ao vento de todos os dias.

Até si, chegam visitantes ilustres, nacionais e estrangeiros, homens de armas e aqueles que um dia levados por falsas promessas, duvidaram da paz portuguesa. Só quem pode assistir a visita de Lazaro Cavandane [sic] pode avaliar o quanto vale do esforço despendido nesta luta. Não raras vezes surgem casos comoventes como o de Veronica Namiva, que em Mueda encontrou refugio depois de quatro longos anos de vida dura. São dela estas palavras:

"... eu, a Catarina, os chairmen, não tínhamos nada para vestir. Tínhamos que trabalhar nuas. Depois do trabalho éramos obrigadas a ficar deitadas no chão, no meio da Base, a disposição dos guerrilheiros que quisessem abusar de nos. Os chairmen tinham que ver isto tudo e os chefes da Base também vinham ver, para se divertirem, para se rirem de nos!"

Por todo isto lutamos, e por todo isto Mueda é um símbolo e uma porta aberta da Casa Lusitana.

Em Mueda não há somente guerra. Há o batuque trepidante e o sorriso aberto de toda uma população que reencontrou a paz; há o bulício da pequenada que na escola aprende a língua mãe e a descontração dos trabalhadores que diariamente labutam no amanho das terras.

Aqui se encontram e vivem homens de todos os

15

pontos deste imenso Portugal. A todos irmana a mesma vontade e a mesma fé numa comunhão de alegria e tristeza. Por isso Mueda ostenta orgulhosamente o título de "Rainha de camaradagem".

F. RAPOSO

Mesmo que este exemplo de prosa esquisita fosse escrito para ser publicado no JORNAL DAS TROPAS, o estilo além de ser literário e pretencioso, era muito provavelmente incompreensível aos leitores. O Massacre de Mueda era o primeiro de uma série. Durante a luta armada, o exército colonial respondeu ao desafio nacionalista da FRELIMO com uma política consciente de terror contra as populações, para tentar destruir as bases sociais da guerrilha. Pois que o colonialista não conseguia a ganhar a população ao seu lado recorreu a liquidação física desta população. Um dos mais conhecidos exemplos desta estratégia em prática, foi o massacre de Wiriyamu, uma aldeia na província de Tete, onde as tropas portuguesas mataram quase todos os habitantes em Dezembro de 1972: [INSERIR TEXTO DE HASTINGS \*\*\*\*\*]

Apesar do horror do massacre de Wiriyamu, a primeira reacção da opinião quer colonial quer estrangeira foi de negar. Depois, quando já não era possível negar o acontecimento, começou-se a apresentar o massacre como um mero acontecimento através do qual

O caso Wiriyamu, no fundo, nada mais foi nem significa do que um ataque ao exercito portuguez. Ataque que procura minar-lhe as energias, confundir-lhe o espirito, negar-lhe o valor, perverter-lhe o sentido. Quem nele ver outra coisa engana-se por certo. Bem interpretado, o caso Wiriyamu e' para esse mesmo exercito, o nosso exercito, um desesperado reconhecimento do seu valor.

Nao sendo possivel vencer-lo pelas armas, o inimigo enveredou pela calunia. Ignorou, no entanto, que a calunia nao vence exercitos, derrota homens, e neste caso o derrotado e' sempre o caluniador.

O padre Hastings e seus creentes foram os unicos massacrados de Wiriyamu. E para eles nao foi precisa sequer a linguagem das armas. As suas palavras bastaram para os prostar no campo cobarde das mortes sem gloria.

O pacifismo incongruente do mundo occidental cristao tarde ou nunca se ha-de dar conta dos maos caminhos por que enveredou.

Passando-se, com armas e bagagens, para o campo dos escuros planos politicos do imperialismo comunista, nega-se assim mesmo, negando a coragem dos seus mais extremos defensores -- nos, portuguezes, com uma consciencia cristã europeia a contrapor-se em Africa, de armas na mao e Evangelho no bolso, aos intentos de todos os imperialismos so economicos.

D. Jose Guerra Campos, Bispo Auxiliar de Madrid, uma das mais lucidas e incomodas inteligencias do actual mundo catolico, militar do segunda linha (como ele refer e foi), diz-nos na conferencia que fez no "Acampamento de los Castillejos", no dia vinte e oito de Agosto de 1968, que exercito nao e' odio, guerra, violencia; mas amor, paz, ordem.

No jornal donde nos tiramos este treicho segue-se efectivamente o texto do conferencia do dito bispo (UNIDADE, 27 de Julho de 1973). Claro que o objectivo desta publicacao, como alias de tantas outras que aparecerem naquelas alturas nao era so de combater ideologicamente o inimigo, mas tambem e sobretudo de manter o moral do soldado e de provar-lhe que estava a dar a sua vida para uma causa valiosa. De reparar tambem a arrogancia dos militaristas colonialistas que se manifesta na ortografia variavel do proprio sitio onde aconteceu o massacre. Poder-se-ia interpretar isto como sendo ainda mais uma outramaneira de por em duvida o proprio acontecimento. A voz dos colonialistas brancos se juntou tambem vozes de pretos como a de Miguel Murrupa, desertor das fileiras da FRELIMO e editorialista do jornal VOZ AFRICANA:

#### A NOVA CACOFONIA ANTI-PORTUGUESA

Poder-se-ia dizer, com certa propriedade, que a propaganda anti-portuguesa de ha uns tempos atras, se mentirosa, tinha pelo menos o merito de seguir alguma logica, suficientemente subtil e urdida para iludir umas boas inteligencias, longe das realidades de Mocambique, Angola e Guine. Falava-se entao, de colonialismo, de atraso, e de trabalho forçado, supostamente ainda praticados no Ultramar Portuguez. Nao era verdade. Mas para

quem nunca visitara as terras portuguezes de Mocambique Angola e Guine, e portanto nao tivera conhecimento da realidade que se vive nelas, havia motivos logicos para tomar a mentir por verdade.

Mas agora o desafortunado rol de mentiras apresentados por certa logica esgotou-se com tanta magoa para os nossos inimigos, que, para nao perderem o ritmo da sua insidiosa campanha de

difamação, o fizeram substituir por um novo rol de mentiras, estas tão ilógicas e contraditórias, numa incrível cacofonia de verdadeiros demônios alucinados, que, quando muito, o que conseguem é expor intenção vil e desonesta dos seus próprios autores.

Pena foi que essas palestras não fossem seguidas pela distribuição de postais, com os retratos de Suas Excelências o Presidente da República, o Presidente do Conselho e o Governador Geral e de estampas com a Bandeira de Portugal, de retratos panorâmicos de algumas cidades e de quaisquer outros folhetos de propaganda. Creio bem que, para os indígenas, tais dádivas, teriam mais valor que os cigarros ou dinheiro recebidos e para nós, Portugueses, seriam de muito maior utilidade.

2

Respeitosamente sugerimos para, não só em idênticos Reconhecimentos, como também em quaisquer outros através de qualquer ponto do mato, se faça sempre que possível entre os povos gentílicos, uma maior divulgação de propaganda sobre o nosso País.

Recapitulando tudo quanto atrás se escreveu, terminamos este Relatório, frisando o facto que, embora se tivesse feito só um terço do que eu esperava fazer, consegui mesmo assim reconhecer parte do curso médio do rio Rovuma - o que nunca ninguém tinha feito - visitar povoações há já algumas dezenas de anos fora do contacto com Europeus, e a dar a conhecer a indígenas portugueses de MOCAMBIQUE, a Bandeira de PORTUGAL, e julgamos que com isso contribuimos, um pouco, para um melhor conhecimento de MOCAMBIQUE.

Quartel em Vila Cabral

19 de Agosto de 1960.

O Comandante de Reconhecimento.

Claro que este reconhecimento tinha outros objectivos, além de espalhar propaganda portuguesa:

O chefe da povoação de BILANDEGE depois de medar algumas informações sobre o rio, manifestou o desejo de saber o significado da nossa bandeira. Disse também desejar ter uma loja perto da sua povoação, pois tinha de andar cerca de 6 horas para fazer as compras numa loja indígena de

3

TANGANHICA.

ATE ENTÃO, SOB O ASPECTO POLÍTICO, APESAR DE MUITAS PERGUNTAS, SEMPRE DISCRETAS, NADA NOTEI, A NÃO SER UMA IGNORÂNCIA ABSOLUTA DOS PROBLEMAS DO TERRITÓRIO VIZINHO. NUNCA NENHUM DELES HAVIA VISTO UM RÁDIO OU GRAMOFONE, NEM SEQUER CONHECIAM O BRANCO. COMO MENCIONAREI DEPOIS, TAL NEM SEMPRE SUCEDEU.

Pelo colonizador português, os mocambicanos só podiam pensar na independência através da agitação de fora. Por isso, procuravam-se sempre convencer de que deste lado de Rovuma tudo andava bem. Mas mesmo assim os próprios colonizadores não podiam escapar de notar certos contrastes:

Soube então um facto curioso: os mesmos dizem ser Portugueses, mas pagam impostos aos Ingleses. Esta povoação não possui mais do que seis palhotas e quatro ou cinco machambas. Além do seu desejo de ter algum caçador que lhes defenda as culturas daqueles animais, mais nada tenho a assinalar de interesse.

A povoação de CUAMBA (M D) fica em frente a povoação de DINDALA (M E). Ao interrogar um miúdo da primeira povoação, que fica um pouco longe da margem, soube que lá também se passava fome, pelas mesmas causas que anteriormente apontei.

ATE ENTÃO, NADA PUDE ASSINALAR SOBRE A INFLUÊNCIA DA POLÍTICA DE NYERERE NAS CIDADAS POVOAÇÕES. TODAS AS PERGUNTAS FEITAS, REEBIAM RESPOSTAS DEMONSTRATIVAS DE UMA IGNORÂNCIA ABSOLUTA DOS ASSUNTOS REFERENTES AO TERRITÓRIO DE TANGANHICA.

4

Acabamos por acampar numa extensa praia junto a

povoacao de CHAMBA e em frente a povoacao de CHAMBA (Inglesa). Notei uma diferenca nitida, sob o aspecto de desenvolvimento nos indigenas desta povoacao. Mostrando maior contacto com o europeu, nao nos receavam; apenas se mostravam admirados por termos conseguido vir de tao longe num barco de borracha. A POVOACAO DE CHAMBA (INGLESA), POSSUI UMA LOJA INDIGENA, COM RADIO, ONDE SEGUNDO ME INFORMARAM SE REUNEM MUITOS INDIGENAS, AFIM DE OUVIREM AS DIVERSAS EMISSOES DE SUAHLI. Soube entao que o chefe desta povoacao, tem grande prestigio e influencia sobre o chefe da nossa povoacao (CHAMBA portuguesa).

AO INTERROGAR UM INDIGENA DA POVOACAO DE UNCUTI (M D) QUE NOS SERVA DE GUIA, RECEBI AS SEGUINTE RESPOSTAS, QUE MOSTRA BEM A SIMPATIA E O PRESTIGIO QUE NYERERE JA TEM NALGUMAS DAS NOSSAS POVOACOES, OQUE ATE ENTAO NUNCA TAL HAVIA VERIFICADO. Nesta povoacao corre o boato de que NYERERE de vez em quando tem vindo ao distrito do Niassa, mesmo a sitios onde existe o branco. Alem disso, afirmou que, quando o branco o ve, tira o chapau e o soldado faz-lhe continencia. Disse tambem que, em breve, o TANGANHICA se tornaria independente e que depois todos os brancos seriam expulsos de AFRICA. Ao tentar explicar-lhe o erro em que laborava, continuou a mostrar-se um pouco incredulo, dizendo que o indigena vivia bem sem o branco, que o tentava apenas explorar. Perguntando quem lhe havia metido tais ideias na cabeca, disse que aprendera tudo isso no TANGANHICA.

5

Depois de ter acabado este reconhecimento chegou o autor do relatorio a uma conclusao:

HA UMA NECESSIDADE ABSOLUTA, DE APROXIMARMOS MAIS DO INDIGENA DO NORTE DE MOCAMBIQUE. LOJAS ONDE POSSAM COMPRAR A FARINA E O SAL, ASSISTENCIA MEDICA E ALGUEM COM POSSIBILIDADES DE OS AJUDAR A PROTEGER AS SUAS MACHAMBAS DE DIVERSOS ANIMAIS, SAO AS SUAS PRINCIPAIS ASPIRACOES. NUNCA TINHAM VISTO A BANDEIRA PORTUGUESA. Depois de lhes ter sido explicado o seu significado mostravam-se como agradecidos e contentes por terem ficado a conhecer a sua Bandeira. Alguns ja tinham visto a Inglesa, mas nunca a Portuguesa.

Tambem encontramos algumas povoacoes inglesas do TANGANHICA. Por varias perguntas feitas, soubemos que os respectivos indigenas raramente passam fome, possuindo lojas mais ou menos afastadas e um hospital a 30 km da povoacao de CHAMBA. Olhavam-nos com menos medo e desconfianca do que o nosso indigena.

Conclusao, alias, que tinha sido avancada por outros militares, entre outros, Hermes de Araujo Oliveira, que escreveu em Dezembro de 1959 na REVISTA MILITAR:

O problema traduz-se, consequentemente, na conquista ou, se necessario, na reconquista das populacoes nativas. O problema nao e de solucao unicamente militar. Nao basta dominar a situacao que se comeca a viver no nosso Ultramar.

6

A agudizacao das lutas contra o colonialismo em todo o mundo forçou os colonizadores, pela primeira vez, na sua pratica de repressao, a pensar em termos e em conceitos do seu "inimigo". Quer dizer, ja antes de se ter comecado a Luta Armada em Mocambique, o colonizador Portugues ja tinha perdido a iniciativa. Ja tinha que aceitar "nao so o novo campo de batalha, mas tambem as suas novas regras.

Pretender dominar os acontecimentos pela accao isolada do soldado, empregando processos e meios exclusivamente militares, e era grave das mais perigosas consequencias (...)

(...) A luta a travar implicaum progresso na sociedade estabelecida, como consequencia de conflitos de ideias que essa luta representa. Manter o seu estado actual seria manter as razoes aproveitadas pelo adversario para provocar a rebeliao (...)

(...) Nao nos e consentido conservarmo-nos na ordem actual. Nao podemos manter estagnada a sociedade das nossas Provincias Ultramarinas. Se a levassemos a isso, estariamos a caminhar para o fim rapido da nossa presenca em Africa (...)

(...) Impoe-se-nos, pois, melhorar cada vez mais a ordem actual por forma a criar uma "nova ordem", que, aberta a todas as possibilidades de progresso espiritual e material, cristalize as esperancas dos nossos negros.

7

E assim a solucao buscada ja e definida em termos necessariamente contradictorios com o proprio colonialismo:

O adversario orientara toda a sua accao no sentido de conquistar as massas negras, pois sabe que tera vencido no momento que houver alcancado tal conquista. O apoio dessas massas e-lhe imprescindivel (...)

(...) E imperativo que elas (as massas) se convencam de que desejamos fazer delas o mesmo que nos somos e tenha a certeza de que somos capazes de o fazer (...)

(...) So agora, porem, depois de reestabelecida a ordem, o poderemos e deveremos fazer, para nao cairmos no erro cometido pelo generalidade dos governos dos paises onde surgiu a revolucao: desconhecedores da real essencia da guerra revolucionaria e, por conseguinte, da sua verdadeira causa determinante, atribuiram o seu aparecimento ao descontentamento das populacoes e apressaram-se, para os eliminar, a estudar e executar reformas de toda a natureza (...)

(...) Chocaram, porem, com a amarga realidade de verem a revolta intensificar-se tanto mais quantas mais reformas concediam (...)

(...) Temos de fazer como o inimigo. Ha de criar entre as nossas tropas a mentalidade do caçador e nao da peca de caca. Tem elas de viver como os bandos do adversario, marchar como elas, perseguirlos, despista-los e flagela-los. A guerrilha nao se combate se nao com a guerrilha (...)

8

(...) A primeira medida psicologica a efectuar - aquela que, espalhando-se por toda a parte onde se encontre um militar, abrangerá simultaneamente toda a gente - sera reestabelecer o contacto com as populacoes (...)

(...) Devemos concentrar todo o esforco na nossa defesa na accao psicologica: intensifiquemos, pois, o contacto um ano que de ha seculos estabelecemos com as populacoes, realizando aquela accao em permanencia e do Maputo ao Rovuma, com a maior amplitude e a maxima intensidade, de modo a estreitar cada vez mais esse contacto, com vista a firmar nas populacoes plena confianca no seu futuro e em Portugal e a leva-las, pouco a pouco a colaborar activamente com as autoridades na realizacao da obra do seu progresso (...)

Como ja referimos atras nunca havia uma posicao colonial simples. Ao contrario as reflexoes de Hermes de Araujo Oliveira sobre a "accão psicologica" mostra-nos a tendencia aparentemente mais conciliatoria. Mas uma outra tendencia, muito mais agressiva, revelou-se em Mueda no dia 16 de Junho de 1960. O relato que segue foi dado por um dos sobreviventes, Raimundo Pachinuapa, actual Inspector do Estado do nosso Pais.

O Massacre de Mueda

Foi em 1960, quando grande parte de Africa se comecou a levantar contra o julgo colonial.

O povo de Mocambique que daqui saira, por causa dos massacres que se sucediam quotidianamente, organizara-se nos paises vizinhos, com a finalidade de entabular conversacoes com o governo portugues, para a independencia, tal como acontecia

9

nos paises vizinhos, como, por exemplo, Tanzania.

Os primeiros homens que ai chegaram tinham como unico objectivo a obtencao do direito de igualdade para todo o povo mocambicano. Note-se bem: os nossos companheiros e compatriotas, como sabiam o que era o governo colonial, nao vieram reivindicar a independencia, mas apenas, a igualdade de direitos!

Eles vieram por tres vezes: ao primeiro homem responderam-lhe: "Toma dois paes, vai-te embora, nao nos aborreças mais."

O segundo grupo (um casal), acabaram por ficar presos.

Os ultimos, quando ca chegaram, em Junho, encontraram algumas pessoas da populacao, presas, que iam para uma plantacao num local chamado Panga. Esses nossos compatriotas procuraram saber porque e que esses nossos irmaos estavam presos. O administrador, cobardamente, respondeu-lhes desconhecer a existencia e pessoas presas: "E talvez um problema do interprete ou do secretario, mas nada tenho a ver com isso." Na continuacao da conversa, os nossos camaradas tiveram occasiao de expor os seus problemas. Queriam regressar a Mocambique, essa era a sua nacionalidade e nao queriam viver fora do pais: "Pos isso mesmo queremos que o governo portugues nos considere como seres humanos. Temos conhecimento que o governo portugues apregoa pelo mundo fora que, em Mocambique nao ha discriminacao. E isso que exigimos."

O administrador, em resposta, disse-lhes que eles podiam voltar para a casa e aperecerem dai a

10

quatro dias. Nesse entretanto ele chamaria o governador do distrito em Porto Amelia e ele resolveria definitivamente aquele problema.

Quando os nossos camaradas se retiraram, a administracao espalhou os seus sipaios por toda Mueda, a fim de convidarem a populacao para na quinta-feira, dia 16, criancas, jovens, mulheres, adultos e velhos comparacerem em Mueda, todas vestidos de melhora maneira possivel, porque se iria resolver um assunto muito importante. Nao era necessario trazerem facas, porque aquele seria um dia de paz. Junto do governador e daqueles que tinham vindo de Tanzania, ir-se-iam resolver os problemas da nacao.

Nesse entretanto, claro, informou o governador em Porto Amelia da situacao que se estava a passar. Assim, o governador arranjou um pelotao bem equipado que se escondeu por detras da secretaria, no dia 16. Repito: o senhor governador de Porto Amelia trouxe um pelotao completo que se escondeu por detras da secretaria. De maneira que a populacao que aqui chegou, no dia 16, de manha, nem sequer tinha conhecimento desse pelotao!

Todo o espaco em frente da secretaria estava completamente cheio de gente. O senhor governador saiu da secretaria para falar, entao, a populacao aqui reunida. As suas palavras (ainda me lembrou bem pois estava ca) foram: "Neste ano o comercio vai ser um comercio bom. De maneira que aqueles que tem muito amendoim estaejam descansados porque vamos aumentar o preco de compra. Toda a gente,



durante este ano, vai receber coisas novas. Este e o problema que queriamos resolver."

11

A populacao, de boa vontade, perguntou: "Nos fomos chamados para ouvirmos coisas importantes e e' isso que queremos."

O governador propoos entao que um grupo representativo fosse discutir com ele para dentro da secretaria.

Nao se perdeu tempo nenhum. Mas eles entraram, sairam logo algemados e foram dirigidos para um carro que aqui estava para serem transportados. A populacao toda retorquiou: "Nos nao viemos para vermos pessoas a serem presas. Viemos para ouvir coisas importantes. Queremos saber tambem porque e' que essas pessoas foram presas na nossa presenca. Sendo assim, entao, este carro nao avanca."

Desse modo, a populacao aglomerou-se a volta do caro que nao pode arrancar. Ele bem tentou mas en vao ...

E foi nessa altura que, da boca do governador, partiu a fatidica ordem:

- "Fogo!"

Assim, todos os soldados escondidos e cipaioes que aqui se encontravam, comecaram a disparar indiscriminadamente para toda a populacao que aqui se encontrava ...

Naquele dia, e isto como prova de que o povo de Mocambique e' realmente um povo heroico, passaram alguns minutos sem que alguem saisse do seu lugar! Viamos pessoas a cair, mas ninguem se mexia para

12

sair. Algumas pessoas gritavam: "Mais vale morremos do que sairmos sem uma vitoria!"

Mas a chuva das balas e a dizimacao das pessoas continuava e toda esta populacao que se encontrava deste lado, caiu ...

Nesse fatidico dia de 16 de Junho perdemos aqui 600 pessoas que se encontravam a reivindicar uma explicacao ...

Sao pessoas que queriam a liberdade, que queriam dignidade, que queriam viver como qualquer cidadao que se encontrasse.

As balas nao escolhiam ninguem (a primeira atingiu um velhote meu amigo). Velhos, criancaes, mulheres que se esconderam de baixo do carro foram massacrados a baioneta ...

Em muitos lugares mocambicanos se repetiu esta cena. Mas o sangue deste povo, do Rovuma ao Maputo, foi este sangue que encorajou o povo mocambicano a pegar em armas para resolver o problema da sua independencia atraves da unica via que lhes restava:

A luta armada popular de libertacao nacional.

Existem varios testemunhos oculares do Massacre de Mueda. O que podemos dizer de certeza sobre o Massacre e' que a tropa colonial abriu fogo contra uma multidao e mataram muitos.

Do ponto de vista da historia a importancia do Massacre de Mueda nao reside no numero de pessoas que ali foram mortas, mas sim no

13

facto que revelou tragica e dramaticamente a verdadeira face do colonialismo portugues, nao so ao mundo, mas especificamente aos nacionalistas mocambicanos. Foi assim que a frase do "Massacre de Mueda" acabou por ter um papel tao importante, politica e ideologicamente, para a FRELIMO durante toda a luta armada de libertacao nacional.

Para os militares portugueses, porem, a palavra "Mueda" tinha um outro sentido, absolutamente diferente, e totalmente antagonico a ideologia de libertacao da FRELIMO. Na citacao seguinte, podemos ver como o exercito portugues tentou criar o seu proprio "mito".

MUEDA